

---

Ruínas do Presente No Porto Maravilha e no Parque Olímpico. Imagens para contar. <sup>1</sup>

Angelo Antônio Duarte <sup>2</sup>

Ricardo Ferreira Freitas <sup>3</sup>

Orientador

### **Resumo**

Ruínas do Presente, no Porto Maravilha e no Parque Olímpico. Imagens para contar. Dissertação apresentada e defendida, no final de Março de 2020, no PPGCOM/UERJ. A pesquisa é um trabalho crítico das transformações operadas pelo poder público nos preparativos do Megaevento Rio 2016. Fotografias do autor, com um modo de ver crítico, ilustram transformações dos espaços públicos. Os meios de comunicação, na intenção de promover a cobertura das olimpíadas. A administração pública vende uma imagem da cidade. No apagar das luzes e câmeras, o cenário esportivo e urbano viraram ruínas. Para conceituar ruína e o uso de imagens usei leituras de Walter Benjamin, durante a pesquisa textos e orientações sobre os megaeventos, do professor Dr. Ricardo F. Freitas, para compreender cidades e urbanismo, Richard Sennett e Carlos Vainer.

### **Palavras-chave**

Megaeventos; Legado; Cidade; Imprensa; Fotografia

### **Introdução**

A dissertação defendida e aprovada no PPGCOM/UERJ é crítica momentânea do que representam as transformações urbanas na cidade do Rio de Janeiro, nos períodos que visaram os preparativos de dois megaeventos realizados em curto espaço de tempo: Copa FIFA 2014 e Rio 2016. Os gestores das metrópoles tentam resgatar espaços públicos, outrora desgastados, para divulgá-los como lugares atraentes e portadores de atributos próprios. Um exemplo claro dessa estratégia é a transformação do Porto do Rio de Janeiro em Porto Maravilha (FREITAS, 2017).

A revitalização do Porto é um projeto imobiliário, iniciado em 2009 como parte dos megaprojetos olímpicos, que enfrenta problemas e seu sucesso depende de uma radical transformação do espaço. Os investimentos financeiros e sua parceria público-privada não deram o retorno esperado. Novos prédios espelhados, na espera da locação de suas inúmeras salas, hotéis com baixa ocupação, terrenos abandonados e áreas desertas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP-Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação Social no PPGCOM/UERJ-2018-2020

<sup>3</sup> Prof. Dr. (Orientador) Faculdade de Comunicação Social da UERJ

---

O Parque Olímpico, na região mais beneficiada com a Olimpíada, a Barra da Tijuca, apresenta sinais de degradação. Os governos federal, estadual e a Prefeitura do Rio não conseguem um entendimento. A promessa destes legados está em ruínas. Fotografias são apresentadas aqui na intenção de ressignificar esses locais, tão festejados nos meios de comunicação durante os Jogos Olímpicos. Um fazer fotográfico que visa contar um momento dos lugares da pesquisa, um período da história contemporânea. As ruínas são do presente.

Este trabalho nasceu das minhas errâncias pela região portuária da cidade do Rio de Janeiro, juntando minha curiosidade de ver e fotografar. Os estudos e contos literários que envolvem nossa metrópole, a cidade e as suas ruas sempre despertaram minha curiosidade e vontade de caminhar. Na minha tenra infância, quando ganhei uma pequena câmera fotográfica de plástico, com um obturador de uma velocidade de exposição, uma objetiva de abertura única, queria apontá-la para tudo que via, não somente meus familiares, mas os passeios e os locais que visitava.

Gosto de me perder nas ruas da cidade. Caminhar sem destino. Imaginar que estou no século passado, como nas crônicas lidas em *A Alma Encantadora das Ruas*, de João do Rio, juntando minha ingenuidade e ao mesmo tempo sensibilidade – sozinho com uma câmera –, enxergar becos, casarios históricos, ruas e ruínas, que deixam marcas de um passado não tão distante e o presente espelhado e, ao mesmo tempo, vazio da contemporaneidade.

O Rio de Janeiro ainda possui suas marcas passadas, os rastros deixados são possíveis de se ver. Ainda é possível observar construções seculares, se abirmos bem os olhos para enxergar os pormenores do passado, espalhados por vários cantos da cidade. Não é preciso que esteja inteiro, basta um detalhe, uma fechadura de ferro, uma grade trabalhada, um azulejo quebrado, uma ruína. No mosteiro de São Bento (século XVII), entre os sons dos cânticos gregorianos, em um pequeno esforço, contemplamos um passado no seu pátio, nos pássaros que parecem anunciar que os sinos vão tocar.

No Centro, na rua do Mercado, perto do Arco do Teles, no chamado Corredor Cultural do Rio de Janeiro, por ser rodeado de espaços culturais como o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), a Casa França-Brasil, o Centro Cultural dos Correios, o Largo do Paço, galerias de arte etc. Em 1906, o prefeito Pereira Passos, derrubou o lado Sul do

---

morro do Castelo para abrir a Avenida Central, hoje chamada de Rio Branco. Mas os rastros são possíveis de serem notados, mesmo nos dias de hoje. Ainda sobra uma pequena ladeira, a ladeira da Misericórdia. Em uma das três ruas que davam acesso ao morro, foram erguidas as primeiras habitações da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, por volta de 1567, tais como: o Colégio dos Jesuítas, a Igreja dos Jesuítas e a Igreja de São Sebastião, a primeira Sé catedral da cidade. Uma caminhada pelo Aterro do Flamengo e chega-se ao monumento Estácio de Sá, onde é possível ver uma réplica da pedra da fundação da cidade.

A dissertação, dividida em três capítulos, tem o objetivo de apontar, nas errâncias e na observação participativa, as ruínas deixadas como legado no Rio de Janeiro dos megaeventos: Copa 2014 e Jogos 2016. Com relação à Copa de 2014, buscamos compreender o que levou às manifestações contra a realização dos eventos e fazemos uma relação com os gastos públicos para a realização dos mesmos, em especial o estádio do Maracanã. Sobre a Rio 2016, visamos contribuir um pouco mais com as discussões em torno das reformas na zona portuária, os gastos com a Olimpíada, o (não) legado até o presente momento do Parque Olímpico e seus arredores. A pesquisa teve como base os fatos e acontecimentos gerados, principalmente nos preparativos da cidade do Rio de Janeiro para a realização desses dois megaeventos, realizados em curtíssimo espaço de tempo, dois anos. O projeto “Porto Maravilha” é entendido como ruína por seus empreendimentos ainda não terem dado certo, dez anos após sua realização, por seus objetivos contribuírem para a exclusão de antigos moradores, pelo abandono proposital de certas áreas – como a praça da Harmonia (em frente a ela fica o prédio do Moinho Fluminense, que data do século XIX, recentemente comprado). Existe o projeto de construção de um condomínio para classe média e um shoppingcenter, na área do prédio do Moinho Fluminense.

O Parque Olímpico, que deveria ser o legado, encontra-se em ruínas, com suas arenas sem uso, um velódromo caríssimo, que custou R\$147 milhões, sua viabilidade nem questionada foi (o país não têm tradição em ciclismo, por exemplo). Foi atingido duas vezes por balões típicos aos vistos em festas juninas, um ano após sua inauguração para os Jogos 2016. A primeira vez foi em julho de 2017 e, no mesmo ano, em novembro, outro balão caiu em seu teto e pegou fogo causando danos no revestimento da cobertura.

---

A dissertação está dividida em três capítulos. No capítulo um (Rio dos megaeventos: trajetórias metodológicas), apresento como as experiências de estudante universitário, depois de repórter fotográfico e professor do ensino médio técnico foram fundamentais para a realização, mesmo que “aos trancos e barrancos”, parafraseando Darcy Ribeiro, desta pesquisa e dissertação.

Nesta trajetória, introduzo uma lembrança dos professores que me influenciaram, como Ana Clara Torres Ribeiro, doutora em Sociologia pela USP (Universidade de São Paulo), e Maurício Abreu, doutor pela Ohio State University. Da Ana Clara, fui bolsista do CNPq entre 1994 e 1996. Frequentei a disciplina Geografia Urbana, no fim da minha graduação, com Maurício Abreu. Ambos inspiraram minhas leituras e me basearam no assunto que mais gosto de fotografar, a cidade do Rio de Janeiro e todos os seus aspectos urbanos. Foi assim que treinei meu olhar e a forma de me expressar com a fotografia. Sou muito grato pela oportunidade de ter convivido nos bancos acadêmicos com esses grandes mestres, que ocupam estrelas no universo.

A segunda passagem pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ) se deu em 2017, quando cursei uma pós-graduação em Política e Planejamento Urbano. Foi ali, num curso multidisciplinar, que organizei minhas ideias sobre a cidade, os megaeventos passados e os entendimentos e questionamentos da cidade do Rio de Janeiro, e onde conheci o professor e historiador, Dr. Robert Pechman, quem me orientou no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), chamado Ruínas do Presente. O Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, linha Cultura de Massa, Cidades e Representação Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, proporcionou, sob a orientação do professor e Dr. Ricardo Ferreira Freitas, todo um leque de autores com os quais procurei dialogar meus questionamentos, ideias e toda sorte de trabalhos acadêmicos que visavam discutir a comunicação de massa, as questões locais e regionais, envolvendo o meio urbano e seus habitantes. As leituras e análises de Fernanda Sanchez e Carlos Vainer ajudaram nos temas: O Rio dos Protestos, O Rio de Exceção, O Rio Olímpico.

No capítulo dois, surgem os autores e teóricos que muito contribuíram e ainda vão contribuir nas minhas próximas aventuras acadêmicas e na própria continuidade desta pesquisa. Walter Benjamin (1892-1940), George Simmel (1858-1918) e Richard Sennett (Chicago, 1943), não necessariamente nesta ordem, mas suas obras nortearam muito

---

minhas ideias. Sobre Benjamin, como foi maravilhoso, adjetivo de propósito, presenciar às aulas do professor Dr. Maurício Lissovisky, na Escola de Comunicação da UFRJ. Possibilitou-me conhecer um pouco da trajetória dos textos e do pensamento do ensaísta e filósofo alemão, que com seus textos curtos e fragmentados deixaram inquietantes interrogações à vida, ao intelecto pelo desenvolvimento de uma cultura urbana, pela situação do indivíduo numa sociedade industrializada e de massa. Marshall Berman, em seu Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade, cita os estudos de Benjamin, em Paris, sobre o lírico Baudelaire.

Seu coração e sua sensibilidade o encaminharam de maneira irresistível para as luzes brilhantes da cidade, as belas mulheres, a moda, o luxo, seu jogo de superfícies deslumbrantes e cenas grandiosas; enquanto isso sua consciência marxista esforçou-se por mantê-lo a distância dessas tentações, mostrou-lhe que todo esse mundo luminoso é decadente, oco, viciado, espiritualmente vazio, opressivo em relação ao proletariado, condenado pela história (BERMAN, 1986, p. 142).

A primeira ruína, surge no segundo capítulo, questionamentos, análises e imagens que tenho sobre o Porto Maravilha, a importância do mesmo para a ainda cidade colonial, destruída por Pereira Passos, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

No terceiro capítulo, a ruína do Parque Olímpico, seu (não) legado e a crise financeira do Estado e seus políticos encarcerados. As fotografias de minha autoria são apresentadas nesses dois capítulos. Elas fazem as perguntas, buscam as respostas, que ainda não estão respondidas. São meu modo de ver e ressignificar as obras feitas, ruínas e o percurso dos locais que visitei. As fotos são meus apontamentos. Devem ser interpretadas livremente.

As considerações finais visam demonstrar os cenários em ruínas reunidos, a espetacularização da cidade vinculada às estratégias de marketing urbano, apresentadas como revitalização, que buscaram construir uma nova imagem de cidade e garantir a ela um novo lugar na geopolítica internacional. Não apresentamos conclusões, mas questionamentos. Apontamos que o legado continua sem usos, ao menos da população, porque os grandes produtores de eventos, tais como o Rock in Rio, usam o espaço do Parque Olímpico, cobrando “módicos” preços nos ingressos, a partir de R\$ 270 a meia entrada para uma noite de espetáculo. Não foi possível visitar o Parque Olímpico de

---

Deodoro nem o Campo Olímpico de Golfe. Em sua página na internet<sup>1</sup>, são oferecidos serviços para eventos particulares, para festas, entre outras. Imaginamos ser para um público bastante seletivo. Muito longe, ainda, de tornarem-se legados acessíveis para a maioria da população do Rio de Janeiro.

Enquanto o então prefeito Eduardo Paes estava na Grécia, na cerimônia da chama olímpica (20/04/2016), realizada nas ruínas do templo de Hera, a ciclovia Tim Maia não aguentou as primeiras revoltas do mar na costa de São Conrado. Um trecho da pista caiu, no dia 21 de abril de 2016, três meses após ser inaugurada, vitimando três pessoas, ferindo outras que estavam num ônibus no trajeto da avenida Niemeyer.

Nas chuvas fortes de fevereiro de 2019, inclusive com registros de ventos acima de 116km/h, um desmoronamento de terra destruiu outro trecho da mesma Tim Maia, que continuava interditada desde o primeiro acidente. A queda da Ciclovia Tim Maia, pouco antes da realização da Rio 2016, pareceu ser um prenúncio do que mais poderia acontecer na cidade pós-megaeventos.

No ano seguinte, a cidade sediava o megaevento Rio 2016, os Jogos Olímpicos, no qual tive a oportunidade de trabalhar na equipe de edição de fotografias do site da Rio 2016. O período foi também marcado por uma grave crise política no país, com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, da crise fiscal do estado do Rio de Janeiro, onde o governador em exercício Francisco Dornelles, no dia 17 de julho de 2016, decretava estado de calamidade pública, poucos meses antes da realização dos Jogos. As atividades como professor do ensino médio-técnico público estadual foram, naquele ano, prejudicadas pela falta de recursos e atraso nos salários. Meu trabalho paralelo de repórter fotográfico freelancer possibilitou um convite para trabalhar na Rio 2016. Diante de tantas informações, inevitáveis questionamentos passavam por minha cabeça. Como o Rio gastou tanto nos preparativos dos megaeventos?

Foram dois grandes megaeventos em um curto espaço de tempo, entre 2013 e 2016 – Copa das Confederações 2013, Copa do Mundo 2014 e Olimpíada 2016. Para Muniz Sodré, o megaevento é um objeto teórico novo na análise comunicacional brasileira.

[...] é um dos índices evidentes de mutação urbana associada ao enfraquecimento da ideia de cidade como megamáquina, isto é, como dispositivo de produção industrial, em favor da noção ascendente de

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.rioogc.com.br/>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

---

espaço urbano como lugar gestor de tele-fluxos e de estética (SODRÉ, 2016, p. 15).

A ideia da pesquisa Ruínas do Presente se iniciou no curso de Pós-Graduação de Política e Planejamento Urbano Regional (IPPUR-UFRJ), em 2017. O curso me proporcionou uma base teórica interdisciplinar, com temas nas áreas de sociologia, economia e urbanismo muito atualizadas. Assuntos relevantes sobre as prioridades da administração pública, com ênfase na cidade do Rio de Janeiro. As discussões e temas do curso permitiram ajustar minhas ideias para dar prosseguimento no tema de meu projeto de Mestrado. Em diversas leituras e apresentações de pesquisadores e professores do IPPUR, ficou fácil perceber a opção dos administradores cariocas pela “cidade dos negócios”, preterindo o direito dos cidadãos à cidade, a preferência pela gestão profissional, de um administrador, do que a de um político, ignorando fóruns e as câmeras dos representantes eleitos pelos cidadãos. O que se vende hoje internacionalmente é a imagem de marca da cidade. Assim é o processo contemporâneo de espetacularização da cidade. Para Ricardo Freitas, entram em cena os profissionais de marketing, deixando de lado os administradores eleitos democraticamente.

[...] o city branding torna-se a ferramenta para as cidades disputarem a atenção de turistas, investidores, artistas e eventos. Além disso, a cidade precisa candidatar-se e apresentar um projeto detalhado da estrutura que pretende oferecer, bem como dos impactos positivos que serão gerados a curto e a longo prazo (FREITAS, 2016, p. 21).

A partir da observação participante, nas minhas andanças pela cidade, nas ruas e, por vezes, trabalhando em alguma pauta do jornal O Globo, pude visitar e fotografar, durante os preparativos para os megaeventos, no meio das espetaculares obras na cidade, alguns canteiros de obras na região portuária, como, por exemplo, a reforma no Jardim Suspenso do Valongo e a construção dos museus MAR e o do Amanhã. O túnel da Rede Ferroviária Federal, embaixo do Morro da Providência, por onde atualmente uma das linhas do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), Praia Formosa – Praça XV, passa por este trajeto. Na zona Oeste, passei várias vezes na área do autódromo de Jacarepaguá e sua Vila Autódromo, locais postos abaixo para o Parque Olímpico. Via a enormidade dos prédios que cresciam com rapidez, erguidos para a Vila Olímpica, que já estava sendo construída em 2012.



---

Havia prioridade para revitalizar áreas como o Porto, no Centro, a região da Barra da Tijuca, zona Oeste; essas mudanças valorizaram, ainda mais, a região da Barra da Tijuca, que parecem não deixar dúvidas que os últimos administradores do Rio, como afirma o pesquisador e professor do IPPUR/UFRJ Carlos Vainer, vêm de uma coalisão política de prefeitos que colocaram em prática o plano de vender a cidade para os megaeventos, realizados durante essas gestões. Jogos Pan-Americanos (2006), Copa do Mundo (2014) e os Jogos da Rio 2016. Uma das questões que levanto nesta pesquisa é: qual legado ficou destes eventos?

A resposta que ainda encontro, três anos após os Jogos Olímpicos, são as ruínas deixadas ao abandono, como os empreendimentos do Porto Maravilha, no Parque Olímpico, que também envolve os legados tão propagados e ditos pelos administradores locais. São ruínas do presente? Acredito que são, porque dez anos após os primeiros passos para a revitalização do Porto, quase quatro anos após a Rio 2016, não enxergamos o legado, parecendo que os cenários das obras deixaram muitos rastros, e a poeira causada por elas embaça muito a visão. O que foi visto e propagado pela mídia foram cenários espetaculares montados para serem expostos antes e durante os megaeventos. No livro de Guy Debord *A Sociedade do Espetáculo*, de 1967, no aforismo 34, está anunciado: “O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem” (DEBORD, 1997, p. 25).

No Parque Olímpico, o cenário serviu até o presente momento para os Jogos. Apagaram-se as luzes, câmeras desligadas e saída das delegações esportivas e dos turistas, nada mais foi religado para o uso das arenas esportivas, e todo aquele equipamento não formou nenhum futuro atleta.

A metodologia usada foi da observação participante, de visita ao local, de expressão fotográfica, de leitura na imprensa, seja nos jornais, no caso O Globo, nos sites noticiosos, G1-Globo.com, El País, entre outros que tratavam do tema aqui desenvolvido: Porto e Parque Olímpico. Busquei uma certa diversidade na imprensa e percebi os mesmos assuntos sendo tratados ou noticiados, mas o El País foi mais incisivo e crítico em suas letras. Por isso, optei por diversificar minhas fontes jornalísticas, buscando a imprensa “alternativa”, como a Agência Pública.

Após a realização da Rio 2016, das inaugurações dos museus MAR e do Amanhã, o AquaRio, o teleférico do morro da Providência, que só funcionou para as câmeras da



---

imprensa nacional e internacional, que cobriam a realização dos Jogos, somando-se todos os empreendimentos erguidos, os grafites conceituais nas grandes paredes dos armazéns vazios e os altos prédios espelhados da região portuária, depois de toda essa euforia estampada nos principais jornais da cidade, vimos a operação Lava-Jato, prender, no dia 17 de novembro de 2016, o ex-governador Sérgio Cabral, atualmente com 14 condenações. No ano de 2017, mais prisões: membros do Tribunal de Contas do Estado e deputados da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), a maioria de aliados políticos históricos do ex-governador. Os fatos com relação às prisões dos políticos e administradores podem sugerir outros questionamentos na pesquisa, ruína política? Falência do Estado?

A dissertação pretende encaixar estas peças. Tarefas desafiantes e nada fáceis. Difíceis, porque escolhi trabalhar um tema ainda presente e com constante revelações e descobertas, selecionar as melhores e precisas informações, por si só, não deixa de ser desafiador, pois o projeto Porto Maravilha completou dez anos, em 2019.

A imprensa, que qualificou todos os cenários construídos para a realização da Rio 2016, como as obras do Porto Maravilha, dois anos depois começa a mostrar as falhas das obras, na constatação de rachaduras e buracos. No dia 27 de junho de 2018, o Jornal do Brasil, na editoria Cidade, estampa o título, inimaginável em 2016: “Porto Maravilha, purgatório do caos”. Ainda, no subtítulo: “Sem receber recursos, consórcio Porto Novo abandona região, que está em total desordem”. A matéria apontava o abandono do Consórcio Porto Novo na região, responsável pelas obras e prestação de serviços, como conservação e manutenção do Projeto Porto Maravilha. O jornal O Globo também vai publicar a mesma notícia, no mesmo dia, com o título: “Concessionária deixa gestão do Porto Maravilha, que sofre sem manutenção”. A matéria publica que a Caixa Econômica Federal (CEF) declarou iliquidez, ou seja, quando uma empresa ou um fundo enfrenta dificuldades de transformar ativos (bens) em dinheiro, do Fundo de Investimento Imobiliário Porto Maravilha, responsável pelos pagamentos da operação urbana consorciada. Nesta pesquisa, uso fontes noticiosas publicadas na imprensa, no período entre 2009 e 2019, não para fazer uma análise de discurso, mas refutar a relevância e os fatos que podem ser associados às ruínas que identifiquei.

Massimo Canevacci sugere um perder-se pela cidade, em Cidade Polifônica (2004). Sua base é a comunicação visual, e São Paulo foi a Paris do antropólogo, que

---

reconhece ser a cidade radicalmente moderna. Práticas como a “deriva”, a “psicogeografia” e o “desvio” defendem as perambulações ao acaso pela cidade, estimulando as reinterpretações do espaço com base na vivência. Na década de 50 surge um Guia Prático Para o Desvio (DEBORD; WOLMAN, 1956<sup>2</sup>). Esses autores formaram o movimento dos situacionistas. O situacionismo foi um movimento europeu de crítica social, cultural e política, que reuniu poetas, arquitetos, cineastas e artistas plásticos nos anos 50. O filósofo francês Guy Debord foi um dos expoentes do movimento e ajudou a criar um boletim chamado Potlasch, que serviria a promover a reunificação da criação cultural de vanguarda e a crítica revolucionária da sociedade. A Sociedade do Espetáculo, de Guy Debord (1997), é a obra maior da teoria situacionista. Para o autor, trata-se de uma sociedade mediada por imagens, na qual a lógica mercantilista atingiu toda a vida cotidiana. O livro, ainda atual, faz uma crítica à sociedade de consumo, à cultura das imagens, que trazem padrões de vida ideais reproduzidos pelo capital.

Para estudar o conceito de ruína e também a própria produção fotográfica, vou utilizar o pensamento do filósofo e ensaísta Walter Benjamin. Em *Origem do Drama Barroco Alemão*, 1925, Walter Benjamin interpretou a ruína como alegoria, ou seja, como a materialização da forma alegórica. As alegorias são, no reino dos pensamentos, o que são as ruínas no campo das coisas. Daqui vem o culto barroco à ruína.

[...] as colunas em pedaços, tem a função de testemunhar o milagre da sobrevivência do edifício em si às mais elementares forças de destruição, o raio, o terremoto. A artificialidade dessas ruínas apresenta-se como a última herança de uma Antiguidade que em solo moderno, já pode ser vista, de fato, como um pitoresco montante de ruínas (BENJAMIN, 2013, p. 199).

Faço uso das leituras de Benjamin, o conceito operacional para explicar as ruínas. Para o ensaísta alemão, a ruína possui uma força histórica cheia de conhecimento. Recorre às ruínas em seu cunho alegórico, uma mostra presente do que existiu, passou. Em *Origem do Drama Barroco Alemão*, Benjamin escreve: “A fisionomia alegórica da natureza-histórica, posta no palco pelo drama, só está verdadeiramente presente como ruína”, pp.199-200. Ainda, o homem barroco está rodeado de catástrofes porque sua história

---

<sup>2</sup> Este artigo foi publicado no jornal surrealista belga *Les Lèvres Nues* #8 (maio de 1956). Traduzido (para o inglês) por Ken Knabb (levemente modificado a partir da versão intitulada “Métodos de Desvio” na Antologia da Internacional Situacionista). Esta versão portuguesa foi traduzida a partir do texto inglês de Knabb. Disponível no site: <<http://www.bopsecrets.org>>.

natural (destino) é esvaziada de força messiânica, por causa da influência religiosa, no século XVII, que subtraiu a transcendência, onde a vida humana e a sua salvação foram concebidos profanamente. A professora Elane Abreu de Oliveira lembra em seu texto A ruína e a força histórico-destrutiva dos fragmentos em Walter Benjamin , que

A história quando não têm a intencionalidade messiânica, passa a ser história da natureza, formada por catástrofes. No barroco, a percepção histórica como natureza traz a intermediação política da figura do Príncipe, que era a estabilização profana, onde a ordem era sempre restaurada e a história naturalizada, terrena , evolutiva. Foi neste contexto que originou o drama barroco, que Benjamin estuda como alegórico. (OLIVEIRA, 2013, p.30)

A identificação do ensaísta alemão com a fotografia o faz para mim um importante condutor teórico deste trabalho, no qual vou apresentar um pequeno ensaio fotográfico das ruínas que vejo. O professor Maurício Lissovsky explica que o texto A Pequena História da Fotografia, de Walter Benjamin, não se tratava de ensinar aos historiadores a apropriarem-se da fotografia, mas o contrário. A fotografia que devia se apropriar da História. Lissovsky enfatiza que a proposição de Benjamin era fazer História segundo o modelo fotográfico, na urgência e no horizonte da eternidade. Se o filósofo alemão é conhecido por sua obra ser fragmentada, tudo coincide com a fotografia, que faz um recorte, através da escolha do fotógrafo, que aponta sua objetiva em concordância com sua visão de mundo. Compactuar ao ponto de vista de Benjamin, para o qual cada fotografia pode conter a “menor parte” que é capaz de guardar, dentro do seu enquadramento, os traços do todo. Isto é, representado pelo clique, pela forma com a qual os fotógrafos trabalham. Lissovsky lembra que, quando Benjamin escreveu o texto, a sociedade vivia o auge da produção industrial, dos gestos repetitivos, mecânicos (“A reprodutibilidade técnica da obra de arte” etc). O gesto do clique requer do fotógrafo uma espera, que pode significar uma resistência ao aceleração dos modos de produção capitalistas, dos gestos mecanizados.

Assumo minhas escolhas nas fotografias que apresento, defendendo um olhar crítico ao sistema e a suas representações. O projeto Porto Maravilha foi de renovação à construção de um novo espaço de exclusão (BROUDEHOUX, 2019).

O Parque Olímpico foi um empreendimento caro, que também excluiu antigos moradores da Vila Autódromo. Recursos usados pelos novos agentes da administração pública, obras midiáticas, espetacularização dos eventos e retorno financeiro rápido.

---

Caminhar na avenida Rio Branco em direção à Praça Mauá, antes da derrubada da Perimetral, era para poucos, apesar dessa direção nos levar, por exemplo, ao mosteiro de São Bento, no morro de São Bento, uma das poucas edificações restantes do Rio de Janeiro do século XVII, com obras realizadas em 1633.

Na Praça Mauá, no porto, fica o edifício Joseph Gire, conhecido como A Noite, nome popular por antes ser a sede do jornal vespertino de mesmo nome, depois sede da Rádio Nacional, onde as rádios novelas eram produzidas e muitos cantores de sucesso foram revelados nos seus estúdios. Em estilo art déco, de 1924, foi o primeiro edifício alto, com mais de 80 metros, considerado um marco arquitetônico do país, o primeiro arranha-céu da América Latina. Esse edifício continua fechado e abandonado. A sua construção contribuiu para o processo de verticalização da cidade. Ali, nos fundos, está escondido um dos acessos ao morro da Conceição. Seguindo um pouquinho, vemos bares e a boite Florida, um chamado para quem desembarcava na cidade de navio. Bastava atravessar a pista abaixo da Perimetral, onde, durante a noite, os bares ficavam cheios de “marujos”, encantados com os corpos iluminados pelo neon da fachada da boite e dos bares. A Perimetral escondia um importante prédio, o Palacete Dom João VI, vizinho a um antigo terminal rodoviário e ao prédio da Polícia Federal. Com as obras do Porto Maravilha, hoje abriga o MAR, Museu de Arte do Rio.

Era um ponto estigmatizado, escurecido pelo concreto do viaduto e suas ligas de aço, o local não era muito convidativo para passeios noturnos. Ao fim do expediente, a massa de trabalhadores seguia a pé em direção aos pontos de ônibus na avenida Presidente Vargas ou caminhavam mesmo para o lado oposto, até a estação de trens da Central do Brasil. Esteticamente, com a derrubada da Perimetral, o ganho de novos equipamentos culturais, como o Museu de Arte do Rio, o Museu do Amanhã, a Orla Conde, os belos grafites do Kobra, o AquaRio, a construção do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) com seu aviso sonoro, igual ao dos bondes do século XIX, e a liberação da vista da Baía da Guanabara juntas, sem dúvidas, um belo conjunto de imagens para um passeio, um fim de semana.

Quando o primeiro trecho da Perimetral foi posto abaixo, o então prefeito Eduardo Paes disse que era preciso derrubar aquele “monstro”. A sociologia explica que o estigma está relacionado com a identidade social dos sujeitos e dos grupos sociais. O que é pertencente com a categorização de um grupo por outro, atribuindo um grau inferior de

---

status social. Erving Goffman colaborou com a definição do termo: “a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena” (GOFFMAN, 2004, p. 4). Um conceito mais amplo pode ser entendido nos dias de hoje, que considera estigmatizante qualquer característica, não necessariamente física ou visível que não se coaduna com o quadro de expectativas sociais acerca de um determinado indivíduo. Mas aqui o estigma aparece num lugar, num local, que, abaixo da Perimetral, era perigoso, pouco iluminado e desconhecido para um turista primário.

A pesquisa reflete a experiência do sensível, do caminhar, do olhar, da curiosidade. Ressalto que a experiência de trabalhar por 20 anos no fotojornalismo, na cidade do Rio de Janeiro, despertou-me a necessidade de voltar aos bancos universitários. Retornei ao Instituto de Planejamento Urbano Regional da UFRJ. Acreditei ser um caminho para organizar minhas ideias e obter uma mínima fundamentação teórica e crítica para um projeto que estava em minha mente há tempos. Como não me encantar com a literatura das cidades, com João do Rio e sua Alma Encantadora das Ruas do Rio de Janeiro, Italo Calvino e suas Cidades Invisíveis. Sim, leituras leves, mas que impulsionam o imaginário para se fotografar e pensar o cotidiano, a cultura, a política e afetividades do Rio de Janeiro. Aliar a técnica fotográfica com a paisagem, o tempo de múltiplos contrastes e diversificados focos. Como alerta Massimo Canevacci, a sua metodologia da comunicação urbana, a de querer perder-se, de ter prazer nisso, de aceitar ser estrangeiro, desenraizado e isolado. Quando entro na região portuária, me sinto estrangeiro, com receios, medos, alegria, solidão e pareço um turista com uma câmera na mão. Sou um passageiro, faço uma seleção de imagens, uma narração das ruínas que vejo. Mas nunca omitindo minha identidade, sou carioca, conheço o Rio de Janeiro.

O indivíduo padece do sentido da própria alienação, mas justamente no curso dessa paixão podem-se estabelecer as premissas necessárias a um conhecimento metropolitano apaixonado para o que se define o olhar urbano, o qual de um lado, já foi educado para colher a multiplicidade coexistente dos signos emitidos pela comunicação tecnicamente reproduzível, mas, do outro, é ainda incapaz de decifrar o sentido de uma cultura diferente da cultura do observador, nos valores, nas crenças e nos comportamentos (CANEVACCI, 1993, p. 16).

Olhar significa também ser olhado, entendendo que a imagem oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e de acontecimentos reais. Empregar aqui a fotografia como dado primário pode beneficiar a pesquisa com o uso de dados visuais. O

---

emprego de imagens fotográficas pode ser entendido, como apontam os autores Martin W. Bauer e George Gaskell, como:

[...] alguns tipos de emprego de imagens fotográficas com aplicações potenciais para pesquisa [...] a documentação da especificidade da mudança histórica. Se alguém está interessado em investigar ou mostrar a natureza específica da mudança, então as fotografias feitas em intervalos regulares, dos mesmos lugares podem ser ilustrativas (BAUER; GASKELL, 2011, p.141).

Como corpus da pesquisa, a seleção de matérias, textos e artigos publicados na mídia impressa e digital, a busca envolvia palavras como legado, parque olímpico, Porto Maravilha, Elevado da Perimetral, orla Conde, Eduardo Paes, Sérgio Cabral, por exemplo. Um recorte das notícias que trazem os temas “Porto Maravilha”, “Rio 2016”, “Parque Olímpico”, “Legado”. Buscando, assim, evidências para argumentar e demonstrar algumas afirmações. – uma coletânea de reportagens publicadas no Jornal O Globo e seus sites, como, por exemplo, o G1. Também busquei outras empresas noticiosas, o site do Jornal do Brasil, o próprio jornal impresso, do qual até guardei alguns recortes; o site do Jornal El País, do Brasil; sites da imprensa alternativa com a Agência Pública; o site da BBC; e também da Deutsch Weller; entre outros textos que auxiliaram na pesquisa.

### **Referências bibliográficas**

- BENJAMIN, Walter. Origem do drama barroco alemão. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- \_\_\_\_\_. Magia e técnica, arte e política. (Obras escolhidas, v. 1). São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. (Obras escolhidas, v. 3). Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. Rua de mão única. (Obras escolhidas, v. 2). São Paulo: Brasiliense, 1995.
- \_\_\_\_\_. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa oficial, 2007.
- \_\_\_\_\_. Origem do drama trágico alemão. Belo Horizonte: Autêntica 2013.
- \_\_\_\_\_. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. Apresentação, tradução e notas de Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre, Zouk, 2014.

---

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

BRASIL, Gerson. História das Rua do Rio. Autor: Brasil Gerson. Rio de Janeiro: Editora Bem-te-vi, 2013.

BRISSAC PEIXOTO, Nelson. Cenários em ruínas. A realidade imaginária contemporânea. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BROUDEHOUX, Anne-Marie. Megaeventos, Revanchismo e a Cidade de Exceção Neoliberal. Notas sobre o Rio de Janeiro nos Jogos Olímpicos. In: VAINER, Carlos (Org.). Os megaeventos e a cidade: perspectivas críticas. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016, p. 433-455.

CANEVACCI, Massimo. A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo, Studio Nobel, 1993.

CRUZ, Maria Cecília Velasco. O cais do porto no crivo da política: a burguesia mercantil e a modernização portuária no Rio de Janeiro na Primeira República. In: CRUZ, Maria Cecília Velasco et al. (Orgs.). Histórias e espaços portuários: Salvador e outros portos. Salvador: Ed. UFBA, 2016, p. 289-336.

DE OLIVEIRA, Elane Abreu. A ruína e a força histórico-destrutiva dos fragmentos em Walter Benjamin. 2013.

FREITAS, Ricardo Ferreira. Da cidade espetáculo para a cidade-mercadoria. A comunicação urbana e a construção da marca Rio. Revista do programa de pós-graduação em Comunicação da UFRJ, v. 20, n. 3, 2017.

\_\_\_\_\_; LINS, Flávio; CARMO, Maria Helena (Orgs.). Megaeventos, comunicação e cidade. Curitiba: CRV, 2016.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Janete da Silva. Olhares Urbanos. Estudos sobre a metrópole comunicacional. São Paulo: Summus, 2011.

PECHMAN, Robert. Um Olhar Sobre a Cidade: Estudo da Imagem e do Imaginário do Rio de Janeiro na Formação da Modernidade. Cadernos IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, p. 77-88, 1992.